

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial

Lira Frade de Souza

“AQUI É SINTONIA”:
Uma análise da Gestalt-Terapia sobre jovens envolvidos no tráfico de drogas

Belo Horizonte
2022

Lira Frade de Souza

“AQUI É SINTONIA”:

Uma análise da Gestalt-Terapia sobre jovens envolvidos no tráfico de drogas

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Cristina Eiras Coelho Soares

Belo Horizonte

2022

150	Souza, Lira Frade de.
S729a	"Aqui é sintonia" [recurso eletrônico] : uma análise da gestalt-terapia sobre jovens envolvidos no tráfico de drogas /
2022	Lira Frade de Souza. - 2022.
	1 recurso online (42 f.) : pdf
	Orientadora: Laura Cristina Eiras Coelho Soares.
	 Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	 1.Juventude. 2.Gestalt-terapia. 3.Segurança pública.
	I. Soares, Laura Cristina Eiras Coelho . II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

AQUI É SINTONIA: UMA ANÁLISE DA GESTALT-TERAPIA SOBRE JOVENS ENVOLVIDOS NO TRÁFICO DE DROGAS

LIRA FRADE DE SOUZA

monografia defendida e aprovada, no dia **doze de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Laura Cristina Eiras Coelho Soares - Orientadora
FAFICH/UFMG

Claudia Lins Cardoso
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 05 de junho de 2023.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 05/06/2023, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 05/06/2023, às 16:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2363592** e o código CRC **07632030**.

Dedico esse trabalho aos que me fazem acreditar que o amor transforma a terra árida em nascente e que sabem que não existe viver sem esperar um outro mundo.

Dedico as velas acesas para as forças divinas, a minha amada mãe e ao meu amado pai, as minhas amizades encontradas no sangue e na vida. Aos meus colegas de turma, aos da política de prevenção e a minha orientadora, que tanto me inspiraram nessa escrita.

Dedico a cada mãe que chora seu filho precocemente velado e aos que não desistem dos meninos difíceis e desse Brasil do impossível.

RESUMO

Essa monografia visa um encontro da Gestalt-Terapia com a Segurança Pública, para vislumbrar uma reflexão sobre jovens em situação de vulnerabilidade social envolvidos no tráfico de drogas. Como recurso metodológico é analisada a série Sintonia, veiculada por meio da Netflix e idealizada pela produtora Kondzilla, que retrata ficcionalmente a vivência da juventude periférica brasileira. Em especial, dedica-se à análise sobre o personagem Nando, que se insere no tráfico de drogas em sua juventude. As três primeiras temporadas de Sintonia serão articuladas com obras da Gestalt-Terapia e com relatórios estatísticos de segurança pública. Por meio do olhar da Gestalt-Terapia, buscou-se escutar esse jovem, ouvir seus sonhos, suas contradições e seus medos; e por meio dos recentes relatórios estatísticos, visou-se amplificar e compreender o atual cenário brasileiro. Assim, destaca-se a importância do contínuo compromisso ético político de uma psicologia engajada na atuação em políticas públicas de proteção à criança e ao adolescente e em ações preventivas de redução da violência.

Palavras-chave: Juventude. Gestalt-Terapia. Segurança Pública.

ABSTRACT

This monograph aims at the junction of Gestalt-Therapy with Public Security, to glimpse a reflection on young people in situations of social vulnerability involved in drug trafficking. As a methodological resource, it analyzed the Tv series *Sintonia*, broadcast on Netflix and created by the production company *Kondzilla*, which fictionally portrays the life experience of the peripheral Brazilian youth. In particular, it is dedicated to the analyses of the character Nando, who becomes involved in drug trafficking in his teen years. The first three seasons of *Sintonia* will be articulated with works from Gestalt-Therapy and using statistical reports on public security. Through the Gestalt-therapy perspective, it was considered to listen to this young man, to hear his dreams, his contradictions, and his fears; and using the recent statistical reports, It aimed to amplify and understand the current Brazilian scenario. Thus, it highlighted the importance of the continuous ethical and political commitment of psychology engaged in public policies for children and adolescents' protection and preventive actions to reduce violence.

Keywords: Youth. Gestalt-Therapy. Public Safety.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 08

2 METODOLOGIA..... 11

**3 TEMPORADA 1: A caminhada, os percursos e os desvios para a
autorrealização..... 15**

**4 TEMPORADA 2: Quando a violência se naturaliza e o ajustamento criativo
cristaliza..... 22**

**5 TEMPORADA 3: Ensaios para a saída e o direito de
sonhar..... 29**

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 37

REFERÊNCIAS 39

1. INTRODUÇÃO

Na perspectiva da Gestalt-terapia, fundamentada na atitude fenomenológica-existencial, o ser humano é compreendido como inerentemente relacional, singular e corporificado, constituindo-se um ser de possibilidades, criatividade e de atualização. A subjetividade é compreendida enquanto processo, não como estrutura, em um contínuo movimento de vir a ser no campo organismo/ambiente (CARDELLA, 2017). A Gestalt-terapia busca compreender o ser humano em sua integralidade, enquanto ser de abertura, escolhas, fragilidades e responsabilidades, no qual o sintoma é analisado como um ajustamento criativo, sendo a melhor forma que o sujeito teve de se equilibrar até o momento (CARDELLA, 2014).

No seu percurso histórico, a Gestalt-terapia se dedicou em uma maior atuação na área de psicologia clínica, com práticas de atendimentos individuais e grupais. No entanto, observa-se um crescente movimento para a inserção na clínica ampliada e no setor público (PEREIRA, 2011). Esse trabalho caminha nesse sentido, compreendendo a importância da perspectiva da Gestalt-terapia no diálogo com a psicologia social e na construção multidisciplinar de políticas públicas. Nesse campo de atuação, esse trabalho terá um diálogo mais próximo com a Segurança Pública, mas com o contínuo olhar para a integralidade do sujeito, identificando a importância do investimento nos demais setores, tais como: Educação, Saúde e Assistência.

Delimitando esse contorno, essa escrita será dedicada à análise de violências vivenciadas pelos jovens em situação de vulnerabilidade social e que atuam no crime organizado - em especial o tráfico de drogas - e as possíveis contribuições da Gestalt-Terapia para essa transformação social. Cabe salientar que a atuação do crime organizado não acontece exclusivamente na periferia, mas é onde acontecem seus resultados fatais. A classe dominante que se envolve na ilegalidade, apesar de acessar a maior parte dos lucros, continua sendo protegida pelo Estado. Conforme apresentado no Atlas da Violência 2021, os adolescentes e jovens negros são os que apresentam um maior risco de serem vítimas de homicídios, apontando que os conflitos pela ação do crime organizado e das mortes decorrentes do uso de armas de fogo são os fatores estruturais para essa situação na América (CERQUEIRA et al, 2021). No Brasil, o principal fator para a morte dos jovens é a violência. Em 2019, dos 43.503 homicídios ocorridos no Brasil, 51,3% (23.327) eram jovens entre 15 e 29 anos, configurando uma média de 64 jovens assassinados por dia. Assim, a morte violenta na juventude configura um problema endêmico do país (CERQUEIRA et al, 2021).

Nesse encontro da Gestalt-Terapia com a Segurança Pública buscou-se um olhar sobre o sujeito, sua história, suas relações e uma possível reflexão sobre ações preventivas para a redução da violência. Para fins metodológicos será analisada - à luz de conceitos gestálticos - a

série Sintonia, veiculada por meio da Netflix e idealizada pela produtora Kondzilla, que retrata ficcionalmente a vivência da juventude periférica brasileira. Em especial, será dedicada uma análise sobre o personagem Nando, que é inserido na adolescência ao tráfico de drogas. A reflexão será articulada com relatórios estatísticos de segurança pública produzidos por centros de pesquisas nacionais. Essa interlocução entre as produções audiovisual, estatística e gestáltica, visa uma possível investigação sobre os ajustamentos criativos dos jovens envolvidos no tráfico de drogas; busca analisar a inter-relação eu, outro e mundo desses jovens e, assim, refletir sobre a construção de novas possibilidades de contato e autorrealização.

O próximo capítulo aborda sobre a metodologia, visando um aprofundamento sobre a relevância da série Sintonia e sobre como são construídos os dados dos relatórios nacionais de segurança pública. Adiante, os capítulos analisam, por meio da Gestalt-terapia, a trajetória do personagem Nando nas três temporadas da série Sintonia. No capítulo *“Temporada 1: A caminhada, os percursos e os desvios para a autorrealização”* foram articulados os conceitos de autorregulação orgânica, ajustamento criativo e sintoma com os passos iniciais de Nando no tráfico de drogas e a sua busca por crescimento. Na *“Temporada 2: Quando a violência se naturaliza e o ajustamento criativo cristaliza”* foi descrito sobre a noção da Gestalt-terapia sobre sofrimento e experiência traumática, para uma análise sobre os impactos da violência na infância e o desenvolvimento do personagem na juventude. Por fim, no capítulo sobre a *“Temporada 3: Ensaios para a saída e o direito de sonhar”* foram abordados os conceitos de autossuporte e heterossuporte para uma reflexão sobre as oportunidades de saída frente à criminalidade e o direito de sonhar outros futuros.

Assim, por meio do olhar expresso pela arte, esse trabalho visa escutar esses jovens, ouvir suas dores, seus sonhos, suas contradições e seus medos; e por meio dos recentes relatórios estatísticos, visa amplificar e compreender o atual cenário brasileiro. Visto que a experiência de muitos dos adolescentes e jovens que moram em periferias no Brasil é perpassada pela vulnerabilidade social, pelo racismo, pela criminalização da pobreza, pela violência institucional e pela ausência do Estado. Assim, desde jovens já experienciam um sofrimento pessoal, comunitário e transgeracional (CARDELLA, 2014)

A presente monografia busca ser uma reflexão crítica sobre a contribuição da Gestalt-Terapia para essa complexa questão social, no qual se confluem as vítimas e os autores de violência. Uma análise não só do sujeito, mas da condição de profissional de psicologia, que parte-se do acolhimento ao singular e do encontro com a alteridade, para a busca da construção de novas transformações sociais (CARDELLA, 2014) e para a responsabilização coletiva sobre a proteção das crianças, adolescentes e jovens do Brasil. Para assim, contribuir na promoção de

uma juventude brasileira viva, segura, apropriada criativamente de seus recursos e vislumbrando a possibilidade do porvir.

2. METODOLOGIA

Este trabalho, por meio da pesquisa qualitativa, visa compreender a realidade social dos jovens envolvidos no tráfico de drogas. Compreende-se que existem limitações neste processo e que não se busca a apreensão da verdade, mas possíveis interpretações (MARTINS, 2004). Como recurso metodológico será realizada a análise da série Sintonia veiculada por meio da Netflix e idealizada pela produtora Kondzilla. Segundo Sampaio e Medrado (2020), a análise de documentos de domínio público é um importante recurso para o estudo de problemas sociais, devido serem práticas que circulam saberes e contribuem na produção de modos de subjetivação. São assim, como definido na obra de Spink (2013), produtos sociais eticamente abertos para a análise e responsabilização. Para analisar a série Sintonia, a pesquisa visa se debruçar sobre o conteúdo dos discursos, mas também para o cenário, o roteiro e os integrantes (SAMPAIO & MEDRADO, 2020).

Como norte teórico, a Gestalt-Terapia é utilizada para a análise de conteúdo. Dialogando entre as obras clássicas e contemporâneas, tendo como base a Coleção de Gestalt-Terapia: fundamentos e práticas, organizadas por Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukumitsu. No presente momento, a coleção é composta por oito livros e neste trabalho será destacado o livro *Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais* (2014). Na dinâmica entre a Gestalt-Terapia e a Segurança Pública foram identificadas, em pesquisa no Capes Periódicos, três publicações nacionais que se aproximam com a temática desta monografia: os artigos “*Incríveis Infratores*” - *Adolescentes Estigmatizados em encontro com a Gestalt-Terapia* de Nara Cristina Leão (2007); *A Gestalt-Terapia na Reconstrução da Ação Ética: “Incríveis infratores” na tentativa de ressignificar o estigma* de Nara Cristina Leão e Rodolfo Petrelli (2006) e *Desafios no trabalho com Adolescentes em Conflito com a Lei: contribuições da Gestalt-Terapia* de Jéssica Cristina Pereira Motta (2017).

Para entender como surgiu a série Sintonia é preciso compreender a história de sua idealizadora: a KondZilla. A KondZilla é uma holding de empresas, sob o comando do criador e fundador Konrad Dantas. O início da empresa foi com a KondZilla Filmes, como uma produtora de vídeos que apresentava o cenário do funk paulista. Atualmente, a empresa atua em diversas frentes de trabalho, com a Kondzilla Records, uma gravadora que agencia carreiras musicais, com a série ficcional Sintonia na Netflix e com o próprio portal de conteúdos e produtos (CARVALHO & PADOVANI, 2020).

A multiplataforma Kondzilla se inspira na vida e arte de Konrad Dantas, que nasceu em 1988, na periferia da cidade do Guarujá no Estado de São Paulo. O papel do Konrad na Kondzilla se entrelaça entre produtor e usuário, não existindo o distanciamento entre os

mundos, mas uma legitimidade e um sentido de representação (CARVALHO & PADOVANI, 2020). A KondZilla foi de suma importância para a ampliação do funk paulista em âmbito nacional, que costumeiramente ficava à sombra do já consolidado na cena midiática funk carioca. O funk paulista, conhecido como “Funk Ostentação” (SCHERRER, 2015, p. 1), caracteriza-se pela metáfora da ascensão social de jovens periféricos, com festas, automóveis e roupas de luxo (SCHERRER, 2015). Segundo Carvalho e Padovani (2020), a partir da adoção de regras de *compliance*¹ em 2017, a Kondzilla decidiu retirar as produções de videocliques que envolviam armas, drogas, objetificação da mulher, violência e palavras de baixo calão, visando a ampliação do público alvo e de espaço na mídia.

O Canal Kondzilla apresenta um alcance grandioso no Brasil e no mundo. No ano de 2022, a KondZilla posiciona-se como o maior canal brasileiro da plataforma *Youtube*, com 65,9 milhões de inscritos e 36 bilhões de visualizações (KONDZILLA, 2022). O Canal ainda contém os dois videocliques mais vistos na história do *Youtube* no Brasil: clipe Bum Bum Tam Tam de MC Fioti, com 1,7 bilhões de visualizações e Olha a Explosão de MC Kevinho, com 1,1 bilhão de visualizações. Sendo indicado ao Grammy Latino em 2019 com o videoclipe “Me Solta” de Nego do Borel e Rennan da Penha (KONDZILLA, 2019). Além disso, em 2021, o Canal KondZilla alcançou a 18ª posição no ranking mundial de inscritos e a 16ª no ranking mundial de visualizações no *Youtube* (KONDZILLA, 2021).

A história do funk no Brasil é constituída por um processo de marginalização em que os MCs se limitavam a cantar nos bailes funk das periferias locais e foram alvo de proposta de criminalização², como a apresentação na Sugestão Legislativa nº17/2017 no Senado Federal com a ementa da “criminalização do funk como crime de saúde pública a criança, aos adolescentes e a família”. A marca Kondzilla contribuiu para a profissionalização do gênero musical, ao gerenciar a carreira de artistas de funk e se dedicar ao retorno financeiro desses, alcançando números impressionantes. Assim, a marca apresenta diversos processos de inovação, como um novo método de produção, no qual o canal entrega o serviço de distribuição completo e atua na plataforma para gerar valor ao negócio produzido. Desse modo, rompe com o agenciamento tradicional, que depende da negociação da gravadora com as rádios e com os canais de televisão (CARVALHO & PADOVANI, 2020).

Em mais uma prática inovadora, em 2019, a KondZilla lançou a série *Sintonia* na plataforma de streaming Netflix, sendo uma produção das LosBragas e KondZilla Filmes

¹ O termo *Compliance* pode ser definido como diretrizes corporativas para o seguimento das leis com objetivo de evitar desvios. (Janotti Jr. & Albuquerque, 2020)

² Ao longo da história brasileira, os símbolos da cultura negra foram frequentemente criminalizados, como o funk, o samba e a capoeira. Por exemplo, nos séculos XIX e XX, o samba era considerado como crime de “vadiagem” (SOUZA, 2021, s/p).

(NETFLIX, 2022). A série Sintonia conta com três temporadas com seis episódios cada e a quarta temporada já está confirmada pela Netflix. As temporadas foram lançadas nos anos de 2019, 2021 e 2022 e retratam a história de três amigos - Doni, Nando e Rita - em uma favela da periferia de São Paulo. No laço de amizade entre os três personagens, em cada uma de suas histórias, se entrecruzam a vivência do funk, do crime e da fé.

Doni (MC Jottapê) retrata o sonho do jovem que deseja ter uma carreira de sucesso no funk. O personagem Nando (Christian Malheiros) aborda sobre a inserção no mundo do tráfico de drogas e a Rita (Bruna Mascarenhas) retrata uma jovem, que perde sua mãe, tem o pai ausente e encontra amparo na igreja evangélica. Os personagens residem na Vila Áurea, periferia fictícia de São Paulo, e são amigos desde a tenra idade. Apesar de ser um retrato mais íntimo da vivência paulista, o funk, o tráfico de drogas e a religião atravessam as diversas comunidades brasileiras. No presente estudo, o Nando será o personagem principal, devido ao recorte do trabalho ser uma análise de jovens em situação de vulnerabilidade social e envolvidos no tráfico de drogas. Ao longo das três temporadas, a complexa história do personagem vai se desvelando para os telespectadores.

A fim de ampliar a análise para o cenário brasileiro, esse trabalho articulou a série Sintonia com o Atlas da Violência 2021 (CERQUEIRA et al, 2021) e com seguintes relatórios estatísticos nacionais de segurança pública: o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022 (BUENO & LIMA, 2022) e Novas Configurações das Redes Criminosas após a Implantação das UPPs (WILLADINO, NASCIMENTO, SILVA, 2018). O Atlas da Violência 2021, coordenado por Daniel Cerqueira, Helder Ferreira e Samira Bueno, é desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em parceria com o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). O objetivo do Atlas da Violência é apresentar um panorama sobre a violência no Brasil, como uma análise dos homicídios nos estados, no Distrito Federal e no Brasil, com a apresentação das violências contra a mulher, a juventude, pessoas negras, a população LGBTQI+, pessoas com deficiência e contra indígenas. Os dados são coletados pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde (CERQUEIRA, et al, 2021).

O segundo relatório, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022, desenvolvido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, contou com a coordenação de Samira Bueno e Renato Sérgio de Lima. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública é utilizado como uma ferramenta de promoção da transparência e de prestação de contas na área, analisando as informações fornecidas pelas secretarias de segurança pública estaduais, pelas polícias civis, militares e federal e demais fontes oficiais de Segurança Pública (BUENO & LIMA, 2022).

O terceiro relatório utilizado é o Novas Configurações das Redes Criminosas após a Implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), publicado em 2018, contando com a coordenação de Raquel Willadino, Rodrigo Costa do Nascimento e Jailson de Souza e Silva. A pesquisa foi desenvolvida pelo Observatório de Favelas³ e teve o apoio da Open Society Foundations⁴. O objetivo da pesquisa empreendida por essas instituições foi aprofundar sobre o perfil e as práticas dos jovens inseridos no tráfico de drogas para construir uma reflexão sobre políticas públicas de saúde e segurança que visem a proteção à vida, para a superação da lógica da “guerra às drogas” (WILLADINO, NASCIMENTO, SILVA, 2018, p. 12). Para isso, identificaram a importância de uma compreensão sobre o perfil desses jovens, reconhecendo as suas demandas objetivas e subjetivas. Assim, foram entrevistados três grupos: os adolescentes, jovens e adultos com inserção na rede de tráfico de drogas no varejo; profissionais que atuam em serviços de saúde que atendem nas áreas de UPPS e policiais. Nesta monografia focaremos nos dados referentes ao primeiro grupo. As entrevistas com o primeiro grupo foram realizadas entre maio e dezembro de 2017 no Rio de Janeiro, sendo utilizado um instrumento fechado para facilitar o processo de aplicação, visto ser um grupo com maior desconfiança para entrevistas.

Para a entrevista com jovens inseridos no tráfico e que residem na cidade do Rio de Janeiro, a equipe contou com a mobilização de pessoas próximas às redes, como ex-integrantes do tráfico, familiares, amigos e lideranças comunitárias. A pesquisa também incluiu jovens que estavam em unidade de internação provisória por tráfico de drogas no DEGASE (Departamento Geral de Ações Socioeducativas). O DEGASE é a instituição responsável pela execução de medidas socioeducativas para adolescentes em conflito com a lei no estado do Rio de Janeiro, visando incluir dinâmicas do tráfico que aconteciam fora da capital. Assim, foram realizadas 261 entrevistas, no qual 150 foram realizadas em favelas da cidade do Rio de Janeiro e 111 em uma unidade de internação provisória do DEGASE. Assim, à luz de conceitos gestálticos e dos relatórios de segurança pública, esse trabalho analisará a trajetória do personagem Nando ao longo das três temporadas de Sintonia, visando um olhar ampliado da Gestalt-Terapia sobre os jovens envolvidos no tráfico de drogas.

³ Observatório de Favelas: Organização da Sociedade Civil de Interesse Público localizada no Conjunto de Favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. O Observatório, fundado em 2001, produz conhecimento e elabora projetos referentes aos cinco eixos de atuação: Arte e Território, Comunicação, Educação, Políticas Urbanas e Direito à vida e a Segurança Pública. (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2020)

⁴ Open Society Foundations: é uma fundação filantrópica, de âmbito mundial, que apoia indivíduos e organizações que atuam na busca de liberdade de expressão, transparência, governo responsável e promoção de justiça e igualdade. (OPEN SOCIETY FOUNDATIONS, 2020)

3. TEMPORADA 1: A caminhada, os percursos e os desvios para a autorrealização

“E infelizmente, para esses jovens, ser alguém por alguns dias pode ser melhor do que não ser ninguém a vida inteira.” – MV Bill (ALMEIDA, 2014).

A série Sintonia permite uma construção ficcional de um mundo possível, profundamente ligado ao mundo real, construindo um imaginário do universo dos jovens nas periferias do Brasil (CARVALHO & PADOVANI, 2020). Os três personagens, como amigos de infância, vêm fortalecendo os seus laços nos desafios enfrentados na juventude, como o falecimento do pai de Doni, as responsabilidades de Nando com a sua filha e as ameaças sofridas por Rita. Mesmo seguindo caminhos diferentes, a amizade se torna um espaço seguro. A série, na sua trama ficcional, evidencia algo que também se apresenta em nossas periferias, a convivência possível com a alteridade e a constituição de novas dinâmicas de configuração familiar.

Nascido em 6 de maio de 2000, o personagem Nando, apelido de Luiz Fernando Silva, é o único negro do trio e foi criado sem a presença materna, nem paterna. Na infância residia com a sua avó (não há informação se seria do lado materno ou paterno) que passou por um longo período adoecida e Nando tornando-se o responsável pelo cuidado dela. Na juventude, Nando se torna esposo de Scheyla (Julia Yamaguchi) e pai de duas crianças.

Na lida no tráfico de drogas, apresentada ao longo das três temporadas, o personagem vivencia a inserção na hierarquia do tráfico enquanto menor de idade, alcançando na juventude o comando do comércio ilícito em sua comunidade e, por fim, a sua introdução no comércio atacadista de drogas na fronteira Brasil - Paraguai. Nando, em suas dicotomias, se mostra um jovem ambicioso, com senso de justiça e de forte lealdade às suas amizades e ao seu trabalho. Em diversos momentos, a sua vida está em risco e coloca em risco a vida de terceiros.

A partir da perspectiva da Gestalt-Terapia, este capítulo irá abordar os seguintes conceitos: autorregulação organísmica, ajustamento criativo e sintoma. Tais noções serão articuladas com os episódios da primeira temporada de Sintonia. A teoria organísmica, pressuposto teórico da Gestalt-Terapia, aponta a integralidade entre indivíduo-ambiente. Desenvolvida por Goldstein, esse conceito abarca a interação do sujeito em relação ao seu contexto, rompendo com uma concepção isolacionista (LIMA, 2013).

Na Gestalt-Terapia, a subjetividade deixa de ser vista como algo intrapsíquico, para ser constituída na relação organismo-mundo com o seu contexto físico, geográfico e sociocultural (LIMA, 2013). Nesse aspecto, segundo Perls, Hefferline e Goodman (1997), o campo organismo/ambiente é compreendido enquanto um espaço dinâmico de interação entre o

indivíduo e o meio, não se consolidando apenas em um aspecto físico, mas também com os atravessamentos sociais e culturais. Vislumbra-se o campo enquanto uma unidade que integra a totalidade dos fatos e a teia de relacionamentos (RODRIGUES, 2013). Desse modo, o ser humano é compreendido por estar inserido ao seu contexto micro e macro espacial. Entendendo-o enquanto um ser que ocupa determinado corpo, etnia, classe social, família e sociedade e que vivencia singularmente a cada um destes aspectos e constrói seus próprios significados (BARONCELLI, 2012).

Como princípio holístico, a autorregulação orgânica é uma potencialidade do próprio ser humano, estando em constante busca de uma auto realização dentro das melhores condições possíveis (LIMA, 2014). Sendo um fenômeno de fronteira, que acontece no entre, nas trocas e interações com o outro, em um contínuo processo de diferenciação e união (CARDELLA, 2014). Nessa interação, o sujeito busca ajustar-se criativamente, na busca de escrever do seu próprio modo e apropriar de sua singularidade e de sua experiência (CARDELLA, 2014), sendo um processo de assumir a responsabilidade e a cocriação de sua história e de seu futuro. Segundo Cardella (2014), o processo de ajustamento criativo também envolve o movimento de agressão, visando não se fixar nas estruturas conservadoras, mas presentificá-las e abrir brechas capazes de transformá-las.

Quando não existe a possibilidade de uma resolução total de uma situação desejada, o ajustamento criativo se torna uma capacidade de lidar, de modo criativo e inovador, no alcance de uma satisfação possível. Como são raras as possibilidades de alcançar a satisfação plena, o papel da frustração se torna importante para o movimento da vida, na busca de criar novos recursos e para a não paralisação (LIMA, 2014). Desse modo, o sintoma é também uma tentativa de se autorrealizar, um tentar se adaptar na busca de atender às suas necessidades prioritárias do presente momento, por meio de negociações com as condições existentes (LIMA, 2013). Assim, todo sintoma, inicialmente, é um ajustamento criativo diante das dificuldades da vida.

Assim, entendendo Nando enquanto um sujeito biopsicossocial, um jovem negro, periférico, com vínculos familiares frágeis e de baixa escolaridade. Como se constrói a interação eu, outro e mundo do personagem? Na primeira temporada de Sintonia, o episódio 1 intitulado - Pegaram a Caca - apresenta uma cena em que Nando está na fila de espera de uma UBS (Unidade Básica de Saúde) esperando a consulta de sua filha, de aproximadamente 2 anos de idade, acompanhado de sua esposa Scheyla. Na cena, um usuário o aborda para comprar drogas e ele reage de forma hostil para que não seja abordado na presença de seus familiares.

Essa cena evidencia que Nando ocupava um cargo inferior na estrutura do tráfico, provavelmente um cargo de vapor ou de vendedor da “*lojinha*” (termo adotado na série⁵). O relatório Novas Configurações das Redes Criminosas após a Implantação das UPPs (WILLADINO, NASCIMENTO & SILVA, 2018) aborda sobre as funções que esses jovens executam na dinâmica do tráfico de drogas. O vapor, um cargo da ponta, realiza a venda para os usuários diretos, sendo “*as lojinhas*” os pontos de comércio de varejo de drogas nas comunidades. Segundo o relatório, esse é o cargo mais ocupado na dinâmica, dentre os 261 entrevistados, 25,7% afirmaram que atuam nessa função.

Nando ao se sentir desrespeitado e questionado por sua esposa sobre essa situação, afirma que ele deseja crescer e profere a seguinte frase: “*Daqui a pouco todo mundo vai saber meu nome.*” Na série Sintonia, a estrutura do crime organizado apresenta uma forte hierarquia, na qual há os embaladores das drogas, os vapores/vendedores, o gerente de cada lojinha e o chefe geral das lojinhas de uma determinada comunidade. Nando desejava “*subir na caminhada*” e alcançar cargos maiores e de maior rentabilidade, visto que sua esposa aponta os gastos com a criança e pontua que ambos não possuem sequer uma conta bancária.

Sobre a temática da rentabilidade, no relatório coordenado por Willadino, Nascimento e Silva (2018), 51,7% dos entrevistados afirmaram que recebiam entre 1000 e 3000 reais mensais. No contexto de baixa escolaridade e de baixa qualificação profissional seria difícil o alcance destes valores em atividades laborais formais. Assim como Nando que evadiu da escola - como apresentado na terceira temporada - na pesquisa de Willadino, Nascimento e Silva (2018) apenas 16,1% dos jovens entrevistados chegaram ao Ensino Médio e a maior porcentagem, 23%, pararam de estudar no 6º ano do ensino fundamental. Dentre as razões apresentadas para a evasão escolar, 40,44% apresentaram questões econômicas com demandas para ajudar a família ou para conseguir produtos.

Para “*subir na caminhada*” é preciso mostrar disposição em atuar em atividades mais perigosas e que exigem a maior confiabilidade do chefe. Então, surge a oportunidade de realizar uma “*missão*” contra um morador que estava delatando informações do tráfico local para a polícia militar. Badá, o chefe do tráfico da Vila Áurea, estava dentro do sistema prisional, mas continuava atuando através de aparelhos telefônicos e sendo representado por sua esposa Márcia. No diálogo entre Nando e Márcia sobre a situação conflituosa, há o seguinte discurso:

- *Márcia: Imagina o Badá [o chefe do tráfico] sabendo que eu escolhi uma criança para resolver essa missão.*
- *Nando: Chefe, eu não sou ninguém. Nem a polícia me conhece.*

⁵ Para facilitar a compreensão do leitor, os trechos extraídos da série serão sinalizados por meio do uso do itálico, com o conteúdo entre aspas.

Se eu for preso ou morto, não tem problema nenhum.

Na busca por se tornar alguém, Nando tira a vida de outro alguém. Cometendo o seu primeiro homicídio ao proferir diversos tiros contra o personagem Ganso e colocando em risco a companheira do falecido que estava no banco ao lado do carro. Após o acontecimento, Nando aparece com semblante aéreo e suado em uma casa de prostituição. Nando, que se enxerga como um ninguém, parece também enxergar o outro do mesmo modo. Em uma interação objetificante contra si, o seu suposto inimigo e o ambiente.

Na Gestalt-Terapia, o adoecimento é entendido como um processo dinâmico relacional. Nesse aspecto, Lima (2014) aponta que o indivíduo pode apresentar reações sintomáticas se é submetido a condições hostis que o impedem frequentemente de se autorrealizar. Assim, o sujeito continua tentando se adaptar, mas passa a estar no mundo de um modo não harmônico, podendo ter atitudes destrutivas em relação ao mundo, aos outros e a si. A autora salienta que essas reações são consequências de um intenso nível de frustração de suas necessidades básicas.

Após algumas horas, Nando é acionado por seu amigo Doni para resolver um problema pessoal. Nando prontamente se dedica ao cuidado e à proteção de seus amigos e em diversos momentos executa a função de mediador e de pacificador do conflito. Na interação com os seus há um olhar humanizado e afetivo entre as partes. Entendendo que não há uma subjetividade fixa e interna, mas que o sujeito se movimenta a partir de suas relações (LIMA, 2013). Assim, evidencia-se como o adoecimento e a saúde podem ser pensados em uma dinâmica relacional.

Há uma cena marcante sobre a postura mediadora de Nando no episódio 3 - Segunda Chance - da primeira temporada. Juninho, que executava o cargo de gerência da comunidade de Vila Áurea, começa a fazer uso excessivo de álcool e outras drogas, tendo como uma das consequências o gasto indiscriminado do dinheiro do comércio de drogas. O grupo, então, percebeu que a contabilidade não estava condizente com as vendas. Para averiguar essa situação, é realizado o Debate, no qual se encontram aproximadamente dez membros dos cargos de confiança da liderança. Na cena, os participantes apresentam a situação para o Badá, que participa por telefone, para que sejam discutidas possíveis soluções. Como anteriormente relatado, a série é um retrato mais próximo da cena paulistana. Com isso, a dinâmica do debate é apresentada como uma possível referência ao PCC (Primeiro Comando da Capital). Esse trabalho não visa se aprofundar sobre as facções brasileiras, mas apresentar algumas semelhanças entre a série e o cenário brasileiro.

No livro *A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime do Brasil* de Bruno Paes Manso e Camila Nunes Dias (2018) é apresentado o conceito de tribunais de exceção disseminado pelo PCC, inicialmente dentro do sistema prisional e, posteriormente, fora dele. O tribunal de exceção tem como objetivo ser uma análise coletiva dos comportamentos desviantes

dos membros, de seus familiares ou vizinhos, no qual os integrantes conversam e apresentam diferentes visões de acusação e de defesa. Então, o fluxo dos tribunais de exceção é ter um pedido de julgamento, realizar um debate sobre a pena e um juiz informal dará a sentença final. Tanto nos exemplos do livro, como na série, o juiz informal pode ser a liderança que estava dentro do sistema prisional e participou via telefone. Os debates se tornaram um mecanismo de regulação dos comportamentos criminais, averiguados por meio de um senso de coletividade, em uma lógica de “ética do crime” (MANSO & DIAS, 2018, p.117).

No debate sobre qual seria a pena de Juninho, o suposto réu não conseguiu apresentar uma defesa consistente e é acusado de estar mentindo sobre os lucros que sumiram. Badá salienta que a verdade é um princípio importante na “*família do crime*” e que a mentira não é perdoada. No entanto, próximo à sentença de morte de Juninho, Nando intervém para que isso não aconteça e justifica que o participante está passando por um momento difícil e que o vício em drogas o está impactando negativamente. Como defesa, Nando apresenta o seguinte argumento: “*Porque lá fora todo mundo quer matar nós. E a nossa luta é contra o sistema, irmão*”. Com essa sensibilização de como o mundo lá fora é hostil e que eles não precisam ser inimigos entre si, mas sim aliados, a pena é negociada para que Juninho recupere o valor perdido no prazo máximo de quinze dias. Devido à intervenção de Nando, ele também será responsabilizado, caso a situação não seja resolvida.

No episódio seguinte - O certo pelo certo - descreve que Juninho continuava a fazer o uso excessivo de drogas e que gastava o dinheiro de forma desorganizada. Nando se mostra preocupado e tenta contornar a situação, mas em uma noite percebe que Juninho está em seu carro se organizando para fugir do território. Nando o aborda e o questiona se ele deixaria que a situação recaísse exclusivamente para quem o ajudou. Juninho pontua que Nando apenas queria subir de cargo e que era para ele ficar atento, porque outros querem derrubá-lo para entrar no seu lugar. Assim como ele entende que Nando quer tirá-lo da gerência, para alcançar essa função. Ambos estão armados e seguram as armas em posição de ataque. Nando comete o segundo homicídio.

Agora, no quinto episódio - Faz teu nome - é Nando que está na posição de suposto réu no Debate. Após o falecimento de Juninho, os membros se encontraram para discutir a motivação do assassinato de um gerente do grupo. Na cena, Nando confessa que cometeu o homicídio, em função de Juninho não estar cumprindo o acordo. Os outros participantes reagem negativamente à situação, pois Nando agiu de forma isolada. Esta conduta não seria condizente com o princípio do grupo, com o agravante de ser contra um aliado. Após conseguir contornar a situação com a ajuda de Formiga (seu amigo e membro do grupo), Márcia e Badá, Nando não foi penalizado, mas notificado que essa situação não poderia ser repetida.

Nos dois debates apresentados, o homicídio é apontado como uma penalidade legítima e de uso ordinário. Como apontado por Manso e Dias (2018), o homicídio é compreendido como uma solução, uma ferramenta de controle e não como um problema. Solucionando a questão pontual e ensinando aos demais as consequências do erro. Nas justificativas para o cometimento do ato, as vítimas se tornavam culpadas pela própria morte, criando a dinâmica de rivais e aliados para matar os seus semelhantes, em um processo subjetivo de se isentar da responsabilidade. Além disso, as vítimas fatais também se apresentam em determinadas intervenções policiais no Brasil, como evidencia o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022, no qual descreve que houveram 6.145 vítimas fatais de intervenções de policiais militares e civis da ativa, em serviço ou fora, em 2021. Segundo o Anuário, a maioria das vítimas eram do sexo masculino (99,2%), jovens (52,4% com idade máxima de 24 anos) e negros (84,1%).

A primeira temporada de Sintonia apresenta uma cena em que um policial civil aborda Nando e o faz entrar no carro com demais policiais. Nesse processo, eles queriam se comunicar com Badá e negociar o valor para liberar o jovem com vida. Essa comunicação via telefone com Badá é apontada como uma prática recorrente, pois a liderança apresentava cansaço dos diversos pagamentos feitos para esses policiais. Nessa negociação, os policiais negociavam a vida e a liberdade de Nando na quantia de 100 mil reais. Badá nega esse valor e explica que ele não tem nada para perder, que se eles levarem um “*aliado*” para “*cana*” (para o sistema prisional ou para a morte), vem mais dez para substituí-lo. Nando conseguiu sair em liberdade após a negociação de uma propina com o valor reduzido. No entanto, a justificativa de Badá apresenta a fragilidade dos vínculos entre os aliados e a morte como algo próximo, que está sempre ao lado, como uma percepção consciente que se atua em um ofício de risco, se tornando sobrevivente a partir dos 25 anos de idade (MANSO & DIAS, 2018).

O episódio final - Mesma Sintonia - da primeira temporada apresenta o Batismo. O Batismo é o reconhecimento de Nando no mundo do tráfico. Apresentado como um ritual, em que ele é apresentado para os demais integrantes, é inscrito no livro oficial e profere os princípios do estatuto do grupo. Neste estatuto são apresentados alguns princípios e regras do grupo, como a importância da lealdade, liberdade e união, construindo um senso de pertencimento, compromisso e organização. O senso de coletividade e união é apresentado em uma fala do personagem Torto: “*Onde pingar um sangue do moleque, aí vai jorrar o nosso*”.

Bruno Paes Manso e Camila Nunes Dias (2018) descrevem o processo de Batismo realizado no PCC. No ritual apresentado, como em um rito religioso, o “irmão batizado” (MANSO & DIAS, 2018, p. 133) abria mão de sua individualidade para pertencer a uma coletividade criminosa. Como semelhante a série, o novo integrante escutava os artigos do

estatuto e jurava segui-los. Assim, o grupo se tornava maior que o líder, e mesmo com a morte de alguns, era possível perpetuar a sua história.

O batismo simboliza uma sensação de proteção e de pertencimento a um grupo, mesmo que a realidade vivida seja outra, em que se testemunha inúmeras violências brutais. Nessa nova crença, se constrói um sentido existencial composto por uma sensação de poder, adrenalina e virilidade, ainda que coloque em risco a sua liberdade, os seus vínculos afetivos anteriores, a vida de terceiros e a sua própria vida (MANSO & DIAS, 2018). Nesse campo contraditório, Nando, do seu modo, conseguiu a realização do primeiro grande salto na caminhada, agora ele pertencia a uma nova família e ocupava o cargo de gerente da Vila Áurea.

4. TEMPORADA 2: Quando a violência se naturaliza e o ajustamento criativo cristaliza

*“Domado eu não vivo, não quero seu crime
Ver minha mãe jogar rosas
Sou cravo, vivi dentre os espinhos treinados
Com as pragas da horta
Pior que eu já morri tantas antes de você me encher de bala”
(Mandume - Emicida)*

O sofrimento é uma forma singular de ser afetado por situações desafiadoras e que são constituintes da vida humana. Na perspectiva gestáltica, o sofrimento é compreendido como um fenômeno relacional que emerge no campo, na fronteira de contato entre o indivíduo e o ambiente (CARDOSO, 2019). Segundo Francesetti (2021), há uma complexa interdependência entre a dimensão individual e a dimensão social, inclusive na produção de formas típicas de sofrimento psíquico. O autor descreve que o contexto social contribui na etiopatogenia do sofrimento, favorecendo ou minimizando-o, e na patoplastia, influenciando em sua forma (FRANCESETTI, 2021). Desse modo, a dimensão social é compreendida enquanto um fundo para a compreensão do sujeito, das famílias e das comunidades (FRANCESETTI, 2021).

Os ajustamentos criativos de sobrevivência desenvolvidos ao longo da vida, os vínculos seguros e o suporte relacional e comunitário interferem significativamente na capacidade de reação do sujeito frente às situações desafiadoras da vida (BRITO, 2020). Segundo Cardoso (2019) quando o equilíbrio orgânico da pessoa se rompe, emerge a possibilidade de se promover crescimento ou de que esse desequilíbrio se cristalice e seja transformado em sintoma ou adoecimento. Ao se tornar rígido, sem acompanhar o fluxo do movimento, o sofrimento promove um automatismo que diminui a consciência do contato, tornando-se empobrecido e manifesta-se em padrões de sintomas (CARDOSO, 2019).

No livro *Fundamentos da Psicopatologia Fenomenológico-Gestáltica*, Gianni Francesetti (2021) realiza uma interlocução entre o sofrimento acentuado e a experiência traumática. Segundo Brito (2020), o trauma surge de um contexto extremo em que o sujeito sente a sua existência ameaçada, podendo ou não ser uma situação de risco iminente ou compatível com a realidade. No olhar gestáltico, o trauma é uma experiência não completada, que não conseguiu ser atravessada por falta de apoio relacional e ambiental (FRANCESETTI, 2021). Assim, “enquanto a experiência é atravessada, vivida, o trauma é penetrado, furado, perfurado” (FRANCESETTI, 2021, p. 68).

Francesetti (2021), em sua obra, aborda sobre dois tipos de experiências traumáticas: classificando-as de traumas relacionais, em situações de abusos e violência; e de traumas naturais, no caso de acidentes ou desastres. A obra também inclui a experiência de negligência

na infância como um intensificador de sofrimento, como exemplo, cita a falta de proteção física, de presença afetiva, de alimentação e de moradia adequada. Francesetti (2021) indica que a intensidade do acontecimento e a presença ou a ausência de apoio relacional e ambiental interferem no processo de assimilação do fato e que os traumas relacionais são os mais difíceis de serem assimilados, devido ao rompimento do tecido relacional.

Nas experiências traumáticas que não contam com o apoio adequado, há dois principais efeitos, considerados ajustamentos criativos, indicados por Francesetti (2021): a hiperexcitação e a dissociação. No primeiro momento da vivência traumática, devido à incapacidade de assimilação do acontecimento, se produz uma hiperexcitação, manifestada como um alto nível de alarme que era adequado ao acontecimento, mas que não se torna proporcional aos eventos seguintes. Assim, a hiperexcitação ocasiona a hipervigilância, na qual o indivíduo apresenta constantemente reações rápidas de sobrevivência, como os movimentos de luta ou fuga, que podem gerar um adoecimento psíquico (BRITO, 2020).

A dissociação é compreendida como um isolamento enrijecido da experiência que não foi assimilada e integrada. Nesse processo, a experiência não acessada é cristalizada no fundo e não contribui para o nascimento de novas figuras. No entanto, caso ela se torne figura, por não estar integrada ao fundo, se torna uma experiência dolorosa e de perda do contato com o aqui e agora (FRANCESETTI, 2021). Como exemplo, “o fenômeno dos gatilhos” (BRITO, 2020, p.16) é descrito como uma memória implícita de pistas associadas ao momento traumático que podem emergir em situações cotidianas. Segundo a autora, essas pistas podem ficar no fundo, mas ao entrar em contato, por exemplo com um som ou um cheiro, o sujeito pode vivenciar as mesmas reações emocionais e físicas do momento traumático como figura (BRITO, 2020).

Quando o sujeito não tem o suporte adequado para lidar com a experiência traumática, pode defletir, por meio da evitação do contato, e/ou dessensibilizar, através de uma diminuição sensorial, da lembrança do trauma ou de seu impacto existencial (BRITO, 2020; RIBEIRO, 2019). No entanto, Francesetti (2021) aponta que mesmo que não haja uma memória narrativa e autobiográfica de situações traumáticas, ainda permanece a memória corporal e a fidelidade aos sintomas.

Existem casos em que as experiências traumáticas se tornam repetidas, se apresentando como um modo natural da vida cotidiana, nessas situações é identificado um modo de desenvolvimento traumático (FRANCESETTI, 2021). Brito (2020) também pontua sobre esse tipo de desenvolvimento, classificando-o como uma experiência de ruptura prematura do vínculo da criança com familiares próximos ou a exposição da criança a situações de violência, negligência, desamparo ou abuso. Cabe salientar que os eventos traumáticos e o sofrimento

acentuados não são uma relação de causa e efeito, mas uma trama complexa e dinâmica manifestadas nas dimensões individual e social.

No primeiro episódio da segunda temporada de Sintonia - Família a gente que escolhe - inicia com a cena de Nando, com aproximadamente 13 anos, assistindo Juninho aplicar uma punição a um homem que estava roubando na comunidade. A cena se passa em um terreno baldio e participava alguns integrantes do tráfico de drogas. Badá, que no momento estava solto, indica a ação que deveria ser tomada pelo gerente e diz *“Isso aqui é para todo mundo lembrar”*, com o objetivo de assegurar uma noção coercitiva de ordem no território. Logo, Juninho pega um pedaço de madeira e olha em direção ao Nando e profere: *“E ai, Nando! Presta atenção aqui, filhote. Molhado ele não quebra”* e espanca o homem não identificado. Nando olha toda a cena e não diz nada.

Ao encontrar Doni e Rita, que tinham acabado de furtar uma pizza em tom de brincadeira, Nando repudia a ação dos amigos, demonstrando certo medo e relata que quem rouba na Vila Áurea pode morrer. Além disso, os sensibiliza das consequências que esse furto pode gerar ao motoboy e indica que no futuro eles podem estar ocupando o mesmo lugar. Os amigos dizem que não vão ser motoboys no futuro e Nando, em seguida, afirma que, na verdade, ele será *patrão*. A conversa é interrompida quando o pai de Rita, que ainda era presente, chega no local para levar a filha para casa. No trajeto, Rita pontua que Nando está sob os cuidados da tia e que a avó, a principal responsável, está doente. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), as crianças e os adolescentes são sujeitos de direitos, em processo singular de desenvolvimento e de prioridade absoluta. O ECA destaca que as crianças e os adolescentes são de responsabilidade da família, da sociedade e do Estado, necessitando de proteção integral para o seu pleno desenvolvimento, preservando-os de situações de discriminação, de exploração e de violência (BRASIL, 1990). Desse modo, uma criança de 13 anos ao presenciar uma cena de violência física, sendo justificada como um momento de aprendizagem, não está com os seus direitos assegurados e vivencia uma experiência traumática relacional.

Na lógica da proteção coletiva de crianças em situação de vulnerabilidade, é apresentada uma cena de Nando, com 13 anos, caminhando pelas ruas de sua comunidade e ele passa em frente a uma *lojinha* de drogas. Os homens que atuavam no tráfico local o abordam de uma forma ofensiva e Juninho sai em sua defesa, orientando que era para deixar ele passar. Juninho conversa diretamente com Nando e diz: *“Vai lá, filhote, pega cinco marmitas lá no bar da tia. Pega a sua também.”* e entrega uma nota a mais de 20 reais. Assim que Nando sai, Juninho conversa com os outros homens do grupo e diz: *“Não é pra ficar embaçando a do moleque não.”*

Moleque criado sem pai e sem mãe.” e continua “O moleque tem uma visão, hein mano? Já, já, ele vira o dono da quebrada, hein”.

As duas cenas descritas descrevem o início da inserção de Nando no tráfico de drogas, em uma sensação de ser protegido por um líder, que o solicita pequenos favores e o posiciona como telespectador da dinâmica criminal. O relatório denominado Novas Configurações das Redes Criminosas após a Implantação das UPPs (WILLADINO, NASCIMENTO & SILVA, 2018) apresenta que a inserção de adolescentes no tráfico de drogas é uma questão não apenas fictícia, mas que se apresenta no contexto brasileiro. Dos 261 entrevistados, 54,4% informaram que ingressaram no tráfico de drogas entre 13 e 15 anos de idade. Identificando uma alta concentração de inserção na fase da adolescência, do qual 87,8% ingressaram no tráfico antes dos 18 anos (WILLADINO, NASCIMENTO & SILVA, 2018).

Nando, de fato, virou o *dono da quebrada* e se consolidou como o responsável geral pelas *lojinhas* da Zona Leste. Na falta de apoio social e ambiental, Juninho de forma distorcida se torna um suporte relacional, se apresentando como um adulto que o protege fisicamente e o ensina como a violência pode ser utilizada como instrumento de poder e segurança. Nando, em sua adolescência, exposto frequentemente a essas situações, inicia o seu percurso no tráfico e entra em confluência com o mundo apresentado por Juninho. Para a Gestalt-Terapia, a confluência é um processo em que o sujeito busca diminuir as diferenças individuais para se apresentar como semelhante ao grupo e aumentar a sensação de pertencimento. Com a intensificação do processo, o indivíduo apresenta uma dificuldade de conseguir diferenciar o que é seu do que é do outro (RIBEIRO, 2019).

Para exemplificar esse processo, será descrito uma cena de como Nando, já adulto, tenta assimilar a experiência traumática vivida aos 13 anos. Para contextualizar será necessário retomar a primeira temporada, em que Doni solicitou uma quantia de dinheiro emprestado com um agiota para a realização do seu primeiro clipe de funk. Para Doni, a dívida estava quitada e a situação encerrada. No entanto, no desenrolar da segunda temporada, a mãe de Donizete estava sendo chantageada pelo agiota Miro, para pagar as multas adquiridas pelo empréstimo do filho. Quando Rita descobre a situação, conta para Doni e aciona Nando para que o problema seja resolvido.

Na série Sintonia, Nando ocupa frequentemente a função de proteção e de resolução dos problemas dos amigos, e nessa situação não foi diferente e foi necessária a sua intervenção. No primeiro momento, a postura de Nando é de diálogo entre as duas partes e de responsabilização de ambos, inclusive a de Doni sobre a falta de atenção ao contrato realizado com Miro. No entanto, quando Nando compreende que Miro estava há meses chantageando a sua tia afetiva, a sua atitude muda. Nando critica fortemente o comportamento de Miro em oprimir a sua tia,

que não tinha envolvimento direto com o problema, e era uma mulher trabalhadora. A Lucrécia (Martha Meola), mãe de Doni, tenta intervir para que a situação não seja agravada e conversa com Nando. Ela não o chama por seu apelido, mas o nomeia de Luiz Fernando e pede para que não haja violência.

Devido ao impasse, Miro, Nando e Doni vão para o Debate. A cena se repete, Nando estava em um terreno baldio, na presença de outros membros do tráfico de drogas. No entanto, agora ocupava o lugar de destaque e não mais de telespectador. Nando, como líder da cena, profere o seguinte discurso para o Miro e os demais participantes:

- Nando: *“Não consigo entender como alguém consegue fazer isso com uma mulher que acabou de perder o marido. Com esse aqui é poucas, mano. Quebrar braço, perna, costela, para servir de exemplo. Você tá mexendo com a minha família, parceiro. Ninguém mexe com a minha família, tá ligado? Ninguém.”*

Na sequência, ele pega um pedaço de madeira e pronuncia a frase *“Molhado ele não quebra”* e agride fisicamente Miro, como anteriormente ensinado por Juninho. Apesar de ter se passado mais de cinco anos, a frase de Juninho permaneceu próxima à vivência de Nando. Francesetti (2021) pontua que o tempo do trauma não condiz com o tempo cronológico, *“é um tempo que permanece fixo no momento do trauma, um presente eterno”* (FRANCESETTI, 2019, p. 69). Assim, o trauma fica à margem do fluxo de tempo.

A construção de Nando, que apresenta comportamentos de violência extrema, perpassa a perspectiva de punição necessária e de aprendizado coercitivo para os demais. No desenvolvimento de Nando, a violência foi apresentada como algo natural, os traumas não foram nomeados como traumas, violências ou negligências, sem suporte necessário para assimilar e, principalmente, para ser preventivamente protegido. Em um processo de dessensibilização, os sentimentos de Nando foram minimizados, sem espaço para a reflexão e ampliando a sensação de anestesiamento. Nando desenvolve estratégias de bloqueios de estímulos, que ele denomina como *“se blindar”*, como uma forma de proteção, mas que também impede que o outro se aproxime (RIBEIRO, 2019). Assim, o outro o negligenciou e, agora, Nando negligencia a si mesmo e aos demais.

No entanto, no episódio 04 - Aqui se faz, aqui se paga - Nando começa a se incomodar com a sua dinâmica de vida e apresenta questionamentos sobre a sua permanência no tráfico, relatando que *“Tenho meus planos. Não vou ficar nessa para sempre não”* em uma conversa com os amigos. Esses questionamentos são acentuados quando Scheyla conta que está grávida de seu segundo filho e pede para que Nando preserve a sua vida para que consiga cuidar dos filhos.

Doni já havia apresentado uma proposta de trabalho para Nando, após a sua ascensão no mundo da música e da constante atuação de Nando como um orientador nas decisões da carreira artística do amigo. No episódio 01 - Família a gente que escolhe - Doni, propõe que Nando seja o seu empresário e diz “*Não dá pra resolver o que tem que resolver e vim viver da música comigo?*”. Nando responde que estará sempre com Doni, mas que prefere ficar na *contenção*.

Apesar do início das reflexões sobre a sua saída e da proposta de Doni, no episódio 05 - Mil cairão ao teu lado - surge uma nova *missão* para Nando, Formiga e Caneta. Os integrantes do tráfico de drogas, com a ajuda de um policial civil, descobrem que o participante Lindão estava delatando informações para policiais, favorecendo as intervenções para apreensão de drogas e de armas. Ao descobrirem o esquema, Nando, Formiga e Caneta iniciam uma incursão para a execução do participante que traiu o grupo. No aflitivo trajeto de encontro ao carro de Lindão, Caneta e Nando iniciam o seguinte diálogo:

- Caneta: “*Enquanto os menor tava preocupado em comprar tênis de mola, eu já tava na caminhada. E com 12 anos eu comprei o meu oitão cromado⁶. Aquele cromadão, tá ligado? Era a sensação da quebrada. E você, Nando? O que você queria fazer, mano?*”
- Nando: “*Eu queria ser empresário, irmão. Mas eu queria cantar também.*”

Em seguida, Nando, Caneta e Formiga são notificados que Lindão estava acompanhado de um policial civil, aumentando o risco da *missão*. Mesmo assim, eles decidem continuar e seguem na direção do automóvel. Quando o carro é estacionado, Caneta, Formiga e Nando disparam mais de 100 tiros de fuzil e matam Lindão e o policial não identificado. Nando realiza o terceiro e o quarto homicídio.

Nando, após atuar na morte de duas pessoas, não apresenta o torpor como antes, é como se tivesse realizado uma tarefa necessária e essa escolha fosse a única possível. Por outro lado, Formiga apresenta um comportamento diferente e questiona a permanência no tráfico de drogas, como apresentado na seguinte conversa:

- Formiga: “*O crime não é para mim, irmão.*”
- Nando: “*Você acha que eu gosto dessa m*? Mas vou fazer o quê? Não tem pra onde ir.*”
- Formiga: “*Irmão, eu vou aceitar Jesus. Vou pra igreja. Se eu não sair do crime assim? Como eu vou sair? Se eu sair, né, mano? Queria muito ter a disposição que você tem, mano. Te admiro demais. Mas eu não consigo. Não dá.*”

⁶ Arma de fogo, referência ao revólver calibre 38.

- Nando hesita, mas concorda com a decisão de Formiga e diz: *"Vai com Deus, irmão. Ora por nós."*

O questionamento de Formiga de como irá sair do crime também é apontado pelos participantes do relatório Novas Configurações das Redes Criminosas após a Implantação das UPPs (WILLADINO, NASCIMENTO & SILVA, 2018). O risco da morte (82,8%), o receio de ser preso (50,6%) e a constante extorsão de policiais (17,6%) são apresentados como os piores aspectos de atuar na dinâmica criminal. No episódio 6 - Vigília - da segunda temporada apresenta os impactos sociais do assassinato ao policial, no qual retrata a retaliação sofrida na comunidade da Vila Áurea. Numa noite de baile funk, um grupo de homens em três motos invadiram a comunidade e dispararam diversos tiros contra os moradores. Além de feridos, a retaliação deixou três vítimas fatais que não tinham envolvimento na morte do policial, promovendo um sofrimento individual, familiar e comunitário.

A comunidade, liderada por Rita, se mobilizou para que a morte na periferia não fosse naturalizada, para que esses sujeitos tivessem o direito ao luto e à indignação social. No entanto, como pontuado por Doni: *"Quem tá de fora não liga para o que acontece aqui. Para eles, aqui só tem notícia ruim."* Como apontado por Judith Butler (2017), a desigualdade é também apresentada no processo social de enlutamento. Segundo a autora, há vidas que não são passíveis de luto, devido a vida desses sujeitos não serem reconhecidas e, conseqüentemente, a sua perda não serem lamentadas. Assim, o luto público é uma estratégia política para evidenciar a indignação e a injustiça dessas perdas irreparáveis.

No processo de investigação do homicídio duplo, Caneta foi o primeiro a ser identificado como culpado e conseguiu fugir do território. Nando foi orientado a passar um tempo fora, mas não foi suficiente e ele foi identificado como um dos culpados. A foto de Nando foi exposta e alcançou proporções nacionais, sendo noticiado no programa sensacionalista comandado por Datena, como procurado pela polícia. Como desejado na primeira temporada, agora todos sabiam quem era Nando da Vila Áurea.

5. TEMPORADA 3: Ensaios para a saída e o direito de sonhar

*“Você é do tamanho do seu sonho
Faz o certo, faz a sua
Vamo acordar, vamo acordar
Cabeça erguida, olhar sincero
Tá com medo de quê? Nunca foi fácil
Junta os seus pedaços e desce pra arena”
(Sou + Você - Racionais)*

Francesetti (2021) sinaliza sobre a importância da criação coletiva de novos campos relacionais, que sustentem a possibilidade de apoio e proteção, frente a uma sociedade de naturalização da violência e de uma lógica punitivista de resolução de conflitos. Nesse sentido, é necessário aprofundar sobre a noção de suporte. À luz da Gestalt-terapia, o conceito de suporte descreve o conjunto de recursos desenvolvidos ao longo da vida, que se apresentam disponíveis a serviço de si mesmo, do outro e do ambiente (ANDRADE, 2014).

Andrade (2014) e Cardella (2012) descrevem dois tipos de suporte: o autossuporte e o heterossuporte. O autossuporte, também denominado como autoapoio, se refere ao potencial do indivíduo, à sua independência e ao seu crescimento adquirido (CARDELLA, 2012). Nessa perspectiva, o autoapoio é constituído pelo autoconhecimento e pela autoaceitação, em um contínuo processo de conhecer a si, assumir suas decisões e seus comportamentos, para uma consequente formação de autoestima (ANDRADE, 2014). O autoapoio não se desenvolve de maneira isolada e autossuficiente, mas em contato com o ambiente, em uma constante investigação sobre seus desejos, suas possibilidades e suas ações (CARDELLA, 2012).

O heterossuporte - também denominado como apoio ambiental - se refere às condições externas adequadas para a sobrevivência e para o crescimento. Trata-se de uma rede de apoio afetiva, do acesso à infraestrutura básica, de instituições de garantia de direitos e de um meio ambiente saudável. Segundo Fritz Perls “o homem que pode viver em contato íntimo com sua sociedade, sem ser tragado por ela nem dela completamente afastado” (PERLS, 2018, p. 40), possibilita ser e estar de forma integrada consigo e com o ambiente. O autossuporte e o heterossuporte se intercomunicam por toda a vida e esse contínuo intercâmbio organismo-ambiente se movimenta, de forma fluída, em graus e situações diferentes (ANDRADE, 2014). Desse modo, o sujeito necessita compreender quando se deve buscar o suporte adequado para a realização de suas necessidades, para o estabelecimento de contato e para o seu crescimento e amadurecimento (ANDRADE, 2014).

O primeiro episódio da terceira temporada - intitulado “Vidas que nascem” - inicia com duas cenas paradoxais. A primeira cena é o acionamento de Pulga, via telefone, para que Nando decida se um *rêu* do Debate deve ser executado, por ter delatado informações do grupo. Na

cena, a vítima está ensanguentada, com sinais de diversas agressões físicas. Na breve conversa por telefone, Nando realiza o seguinte posicionamento: *“Xeque-mate nessa fita. Pode passar esse frango aí”*, e em seguida a vítima é enforcada com uma corda. O vocábulo como xeque-mate e o apelido de frango demonstram um distanciamento do que significa a morte de alguém, que carrega uma história, vínculos afetivos e um futuro. Como em uma partida de xadrez, a morte se torna apenas uma estratégia de jogo. Ao desligar a chamada telefônica, Nando entra no hospital para acompanhar o nascimento de seu segundo filho, Enzo, e se emociona ao acompanhar o parto. Assim, o personagem se movimenta espontaneamente entre a morte de um e o nascimento do outro.

Nando, enquanto a sua esposa permanece no hospital, realiza uma comemoração da chegada do seu filho com seus amigos e aliados na Vila Áurea. Durante as três temporadas, essa é a cena em que o personagem se apresenta mais feliz, cantando, abraçando e comemorando. Na festa, Rita vai acompanhada de Formiga, seu atual namorado, comenta que essa pode ser a brecha para que Nando construa uma saída do tráfico de drogas. Formiga comenta: *“Sabia que esse Nando eu não conhecia. Conhecia outro. Porque às vezes parece que ele é duas pessoas”*. Rita responde que *“Ele teve que criar essa outra casca”* para a sua sobrevivência.

A série Sintonia apresenta o caso de Formiga como uma das possibilidades de saída do tráfico, que encontra a função de motoboy como ofício, a religião e o namoro como suporte afetivo. Formiga pontua que abandonou o apelido associado ao tráfico e que agora desejava ser chamado pelo seu próprio nome: Cleyton. Nando se entusiasma com a nova vida do amigo e sinaliza o desejo de seguir novos caminhos ao dizer *“Daqui a pouco vou tá que nem tu. Tá livrão aí. Tá voando”*. À luz da Gestalt-Terapia, é preciso reconhecer esses sinais, como apresentado no novo discurso de Nando, que dão indícios de um excitamento para novas direções de vitalidade e de novos sentidos de ser. Assim, ainda que haja uma fixação inicial de um modo de ser, há sinais de movimento e de busca por novos caminhos (ALVIM, 2012).

Ao retomar para o hospital, Nando tem o seguinte diálogo com a sua companheira: *“Eu vou sair, Sheyla. Vou mudar de vida, vou abrir alguma coisa pra nós, sei lá. Você pode até não acreditar em mim, mas eu tô falando sério. Eu te prometo.”* Sheyla permanece em silêncio, após sentir o cheiro de álcool exalando do marido. Para construir uma nova vida, como apontado por Nando, é preciso entrar em contato com o desconhecido, compreender que apesar dos riscos deste lugar inexplorado, a situação habitual está limitante. Então, esse processo envolve uma mobilização de energia para desapegar sobre as perdas possíveis e vislumbrar o que pode se tornar e experienciar (ANDRADE, 2014). Apesar das primeiras reflexões sobre a sua saída, Nando é convidado por Messinho para participar de um *negócio* de alta rentabilidade

e de alto risco. Prontamente, o personagem aceita adentrar em outro campo desconhecido, mas não é o de saída. Nando passa a integrar a rede de tráfico de drogas internacional, com uma conexão entre Brasil, Paraguai, Bolívia e Itália.

Enquanto isso, Cleyton (antigo Formiga) compreende que a saída do tráfico não é algo tão simples e que o seu passado acompanha o seu presente e impacta significativamente o seu futuro. Ao sair acompanhado de Rita, da igreja evangélica da Vila Áurea, Cleyton é abordado por diversas viaturas e é preso pela polícia civil, acusado de ter assassinado um policial. A prisão de Cleyton não é realizada de modo transparente, o delegado não autoriza o direito à advogado e realiza uma ameaça para tentar coagi-lo a delatar outros membros do tráfico, como apresentado no trecho: *“Você tem sorte, véio. Você tem sorte de ter gente grande acima de você. Senão já tinha ripado faz é hora. Direto pro sistema”*.

Cleyton permanece em silêncio, enquanto Rita busca informações de seu paradeiro e Nando tenta intervir na situação realizando uma ligação para o delegado. O delegado tenta uma negociação financeira com valor exorbitante para a liberação do jovem, mas Nando apresenta como inviável. Após a recusa de Cleyton de delatar seus aliados e a de Nando ao não entregar a quantia de dinheiro solicitada, o processo volta aos trâmites legais e o personagem entra, de fato, para o sistema judiciário e prisional.

Enquanto Cleyton entra para o sistema prisional, Badá alcança a liberdade. Na espera de Messinho e Nando para a comemoração da chegada de Badá, ambos comentam que ele passou dez anos no sistema fechado. Messinho aconselha Nando: *“Então, não repara não, viu irmão? Porque a cadeia modifica o homem em todos os sentidos.”*. Como apontado por Reis e Alvim (2021) “os hábitos do corpo carregam uma historicidade que ultrapassa a história individual de um sujeito, ao mesmo tempo em que se constroem de forma singular dentro do tempo de uma existência pessoal.” (REIS & ALVIM, 2021, p. 6).

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022 (BUENO & LIMA, 2022), o Brasil apresenta 815.165 pessoas privadas de liberdade no sistema penitenciário. Dentre eles, 233.827 são presos provisórios, totalizando 28,5% da população carcerária que está privada de liberdade sem sentença judicial definitiva. O perfil da população encarcerada no Brasil é de pessoas do sexo masculino (94,5%), negros (67,5%) e jovens entre 18 e 29 anos (46,45%). O Anuário assinala sobre uma intensificação do encarceramento da população negra (pardos e pretos), pois enquanto no ano de 2011, o percentual foi de 60,3%, em 2021 subiu para 67,5% (BUENO & LIMA, 2022).

Paralelamente, enquanto os homens, negros e jovens ocupam o perfil do presos em regime fechado⁷, eles também ocupam os percentuais das vítimas por mortes violentas intencionais (MVI) no Brasil (LAGRECA, BARROS E SENNES, 2022). O Atlas da Violência 2021 indica que os adolescentes e jovens negros, do sexo masculino, entre 15 e 29 anos, são os que apresentam um maior risco de serem vítimas de homicídios, apontando que os conflitos pela ação do crime organizado e das mortes decorrentes do uso de armas de fogo são os fatores estruturais para essa situação na América (CERQUEIRA et al, 2021).

A saída de Badá do sistema prisional não impacta na redução de seu envolvimento com a criminalidade. Tanto dentro, quanto fora do sistema, o personagem atua de forma intensificada no crime organizado. Numa análise gestáltica, Badá apresenta um processo de fixação, no qual não vivencia um espaço para analisar as consequências de suas ações e refletir sobre novos modos de lidar com o diferente e com a própria vida (RIBEIRO, 2019). No Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022, é apresentada a problemática da precarização do sistema penitenciário e da atuação de facções criminosas, tornando a prisão um espaço de extensão do crime organizado (LAGRECA, BARROS E SENNES, 2022). Como exemplo, o PCC tem a sua origem e fortalecimento dentro das prisões de São Paulo, se estendendo às demais penitenciárias brasileiras (MANSO & DIAS, 2018).

O episódio 03 - Quem me protege não dorme - descreve Nando com 13 anos, trabalhando informalmente em um lava-jato e ganhando quinze reais por dia. Enquanto Nando faz o seu trabalho corretamente, um cliente questiona o dono do lava-jato que um óculos havia sumido e o chefe o acusa, sem direito de defesa, e o dispensa imediatamente. Vale salientar, que no art. 60 do Estatuto da Criança e do Adolescente, é proibido qualquer trabalho a menores de 14 anos de idade, exceto na condição de aprendiz (BRASIL, 1990). Ao lembrar esse episódio, Nando comenta com Sheyla que está em busca dessa *missão* de maior rentabilidade, para que seus filhos não repitam a sua história e que tenham acesso a tudo que precisarem e quiserem. Nando afirma que “*Eles vão ter tudo*”, mas Sheyla questiona se eles terão um pai vivo e presente.

Nando, que na adolescência, lavou o carro de luxo de Juninho e ficou impressionado. Agora presencia a cena se inverter, ao pagar uma criança para lavar o seu novo carro de luxo. Na mesa de espera do lava-jato, Nando conversa com Badá sobre a venda das *lojinhas* e as mudanças na vida de cada um. Badá relata sobre a sua experiência no sistema prisional e diz a Nando “*Você tá no céu. Tá na rua, mano. Nem o pior dia que você tiver aqui é igual ao melhor*

⁷ Escaparia dos objetivos da presente pesquisa desenvolver a temática da seletividade penal, porém indica-se como fundamental esse olhar ao analisar dados do sistema prisional. Para saber mais, leia: “Violências no Brasil: que problemas e desafios se colocam à Psicologia?” (BARROS, BENÍCIO & BICALHO, 2019).

lá. Lá é o inferno.” Nando explica que deseja vender as *lojinhas* da comunidade da Vila Áurea para Badá, por querer, no futuro, estar mais tranquilo e mais próximo de sua família. Badá comenta que *“Família, mano... Para nós que somos igual cachorro, que viemos do esgoto, é uma dádiva.”* e continua comentando sobre a decisão de Nando em querer sair do tráfico:

- *Badá: “Mas pra entrar é fácil, você tá ligado, né. Pra sair, não é a bozolândia⁸, não, Nando. O ouro não sai da veia fácil, não, meu chapa. Lembra quando você era moleque na Vila Áurea, antes da organização?”.*
- *Nando: “Tô ligado, irmão. Todo dia tinha que pular um corpo na calçada, parceiro.”*
- *Badá: “Essa é a fita do mundão, mas tamo aí. Certo, irmão.”*
- *Nando: “Tamo junto”.*
- *Badá: “Aí, você pulava, mas tinha espaço pra você passar, viu.”*
- *Nando: “O quê, mano?”*
- *Badá: “Você pulava porque se achava o fodão. Porque você tava vivo, e os caras, não”.*

Como apresentado no discurso de Badá, o Brasil continua apresentando um número significativo de mortes decorrentes de homicídio. O Atlas da Violência 2021 assinala que houve 45503 vítimas de homicídios no ano de 2019, correspondendo a uma taxa de 21,7 mortes por 100 mil habitantes (CERQUEIRA *et al.*). Para uma comparação global, em 2020, o Brasil tinha uma população equivalente a 2,7% dos habitantes do planeta e respondeu por 20,5% dos homicídios cometidos no mundo. Assim, o Brasil se apresentou como o país com o maior número absoluto de homicídios do mundo (BUENO & LIMA, 2022) .

Nando reitera, em um novo Debate, sobre o movimento de evitar conflitos excessivos e assassinatos entre os pares, ao apontar que *“Estamos aqui nos organizando como crime para não se matar entre nós. E nem cometer a injustiça de matar um homem ou uma mulher inocente”*. Nando ainda deseja que a *“Minha luta é pra minha família do crime proteger a minha família de sangue.”*

Na operação de tráfico internacional, Pulga é baleado e resiste ao socorro hospitalar, com medo de expor a operação, sendo necessário que os enfermeiros o buscassem no carro para prestar o cuidado adequado. Nando visita a mãe de Pulga, uma senhora idosa em uma casa simples, e informa que o seu filho estava em estado grave no hospital e diz *“Dona Maria, seu filho é um cara muito responsável, corajoso. Só tô aqui porque eu quero que a senhora receba tudo que ele merece.”* e a entrega uma quantia de dinheiro. Maria questiona *“Ele merece? Você*

⁸ Referência ao popular palhaço Bozo, sentido de parque de diversões e divertimento.

acha que isso aqui limpa alguma coisa? Um dia, tu vai ter o teu.”. Mesmo ela resistindo em receber o dinheiro, Nando deixa o montante com ela e diz que retornará se tiver alguma atualização do estado de saúde de Pulga. Em seguida, Nando aceita um assalto a banco que estava sob a responsabilidade de Pulga e convida Badá para participar do crime.

Paradoxalmente, Nando entrecruza o cuidado e o risco, o crime e a proteção. Em sua perspectiva holística, a Gestalt-terapia descreve que o todo é diferente da soma das partes. O paradoxo da existência é também a integralização do holismo, como a ancestralidade/modernidade, eu/não-eu e manutenção/transformação. Como apontado na Teoria Paradoxal da Mudança, o sujeito engloba a manutenção de sua identidade, com os ajustamentos conservadores, concomitantemente, se ajusta criativamente aos novos acontecimentos (PINHEIRO, 2014). Assim, essa teoria esclarece que a mudança acontece quando a pessoa se torna o que se é, não quando tenta convencer-se ou coercitivamente ser o que não é. Para tal, é necessário entrar em contato com as sensações, os afetos, as relações e o seu corpo; para possibilitar a transformação espontânea. Desta forma, quanto mais se permite ser o que é, como um todo, apropriando-se de suas fraquezas e potencialidades, mais se desenvolve o auto suporte.

No julgamento de Cleyton Reis dos Santos (antigo Formiga), o jovem relata que estudou até a 7ª série, quando o pai se acidentou e ele precisou trabalhar como entregador. Por isso, recebeu o apelido de Formiga, por estar sempre na *correria*. Na audiência, Cleyton foi responsabilizado pelo homicídio de Lindomar Freitas (Lindão) e do Capitão Ricardo Paiva, recebendo a pena base de doze anos de reclusão em regime fechado.

Após a audiência, Rita e Nando conversam sobre a pena definida para Cleyton e sobre a decisão de Nando e Sheyla de abrir uma cafeteria para ir construindo a sua saída da criminalidade.

- Rita: *“É irmão, essa vida nunca foi fácil, né?”*
- Nando: *“Nunca foi e nunca vai ser, Rita. De pensar em tudo que eu fiz pra chegar onde eu tô hoje. Quem ia imaginar que eu ia virar dono de um café?”*
- Rita: *“Patrão mesmo”. Ambos riem.*
- Rita: *“Vou lutar muito para que num futuro próximo, as pessoas tenham mais oportunidades, mais chances, sabe? Que não precisem fazer o que você fez.”*
- Nando: *“Amém.”*

Ao longo das três temporadas, os comportamentos de Nando sinalizaram sobre os conflitos envolvidos na dinâmica entre um jovem periférico com o mundo (ALVIM, 2012), perpassados por um suporte ambiental reduzido, com acesso precarizado à educação, à segurança e à cidade. Apesar disso, Nando construiu brechas para sonhar, vislumbrando ter uma

família, manter suas amizades e ter uma profissão. Como apontado por Coronel (2014), é necessário reivindicar o direito de sonhar⁹, como um direito a se transportar para além das circunstâncias precárias do cotidiano e para construir uma alegria possível (CORONEL, 2014). No entanto, o direito de sonhar também é atravessado pela desigualdade social, tendo os demarcadores de classe, raça, gênero e território. Concomitante com a violação de direitos fundamentais e sociais, os sonhos se tornam cerceados pela realidade (CLAUDINO, 2020).

No relatório Novas Configurações das Redes Criminosas após a Implantação das UPPS (WILLADINO, NASCIMENTO & SILVA, 2018), os pesquisadores também perguntaram sobre os sonhos dos jovens entrevistados, que se apresentaram como semelhantes aos de Nando. A atuação no tráfico de drogas se apresentava como algo transitório, sendo frequente o desejo de construir uma vida pautada na proximidade com a família, no trabalho digno e na paz. Dentre essas respostas apresentadas sobre qual era o maior sonho de sua vida, os pesquisadores apontaram também o caráter singular de algumas respostas: “como ter o irmão que morreu de volta e ter o nome do pai na certidão de nascimento” (WILLADINO, NASCIMENTO & SILVA, 2018, p.62).

Rita e Nando sinalizam sobre a importância de se ampliarem os suportes ambientais, na busca de garantia de direitos, proteção e oportunidades, para assim, o fortalecimento do auto apoio. Desse modo, se torna necessário o investimento em políticas públicas que contribuam para o movimento de saída da criminalidade e para processos de responsabilização que visem a superação da violência e permitam a transformação social. E, principalmente, políticas públicas de proteção à criança e ao adolescente¹⁰ e de prevenção à criminalidade e a violência, como o Programa Fica Vivo!¹¹. No episódio final - O começo do fim -, após a finalização do projeto ilegal de tráfico internacional, Messinho oferece outra proposta para Nando, mas o jovem responde:

- Nando: *“Irmão, na boa, essa aí foi minha última, parceiro. Quero correr com meus negócios agora.”*
- Messinho: *“Como é que é, Nando?”*

⁹ Indica-se o filme *Marte Um*, dirigido por Gabriel Martins. O filme retrata a vida de uma família negra de classe média baixa que reside em Minas Gerais. Além dos desafios do cotidiano, o filme descreve sobre o sonho do filho mais novo de se tornar astrofísico e fazer uma expedição em Marte (MARTE UM, 2022).

¹⁰ Nesse aspecto, cabe pontuar a respeito das discussões sobre a redução da maioridade penal, como expresso pelo Conselho Federal de Psicologia no documento “Conheça as 10 razões da Psicologia contra a redução da maioridade penal.” (CFP, 2009) e na análise de Propostas de Emenda à Constituição (PEC) - que visam a redução da maioridade penal - sob o olhar da Psicologia Social realizada por SILVA e HUNING (2017).

¹¹ O Fica Vivo! é um Programa da Política de Prevenção à Criminalidade do Estado de Minas Gerais, que atua na prevenção e redução de homicídios dolosos de adolescentes e jovens entre 12 a 24 anos, em áreas de maior incidência desse fenômeno (SEJUSP, 2022). Para saber mais, leia: “Violência urbana e política pública de prevenção: avaliação do Programa Fica Vivo! no estado de Minas Gerais, Brasil” (SILVA et al, 2018).

- *Nando: “É isso mesmo, irmão. Tô caindo fora da caminhada.”*
- *Messinho: “Agora que nós estouramos, irmão? É o seguinte, Nando. Eu entendo que você quer sair, tá ligado? Só que a tua caminhada não tem mais volta, irmão. Difícil agora você querer voltar a ser o comum aí. Sem falar no vício do crime, né, irmão? Adrenalina é um bagulho que é difícil de largar, tá ligado? Mesmo que você queira sair, Nando. Agora, as pessoas não querem mais que você saia, tá ligado? Você achou o quê? Que a polícia vai esquecer que existe o Nando da VA (Vila Áurea)? Você acha que o sistema vai aceitar que o neguinho da favela virou dono de um café de playboy aí? Não pode esquecer que a tua família cresceu com o dinheiro da nossa. Fica ligeiro, Nando.”*
- *Nando permanece em silêncio.*

O discurso de Messinho revela que o movimento de saída não se apresenta como uma possibilidade em alguns casos. No entanto, Nando insiste e inaugura a sua cafeteria. Em um clima de festividade, Rita e Doni participam desse momento e Badá comparece ao estabelecimento, mas não é bem recebido. Nando orienta para os seus seguranças particulares, que caso tenha alguma ação que atrapalhe a inauguração, é para reagir com armamento. No fim do expediente, estavam Nando, Sheyla, Rita e Doni conversando, quando são surpreendidos com uma intervenção por diversos policiais. Nando se rende, mas os aliados chegam armados. A cena final é a tela escura, barulho de trocas de tiros, gritos e todos do ambiente em risco. Às vezes acontece a saída, mas nem sempre com vida.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No seu percurso ficcional, Nando nos convidou a adentrar em um mundo não tão imaginário de inúmeros jovens brasileiros e a pensar, à luz da Gestalt-Terapia, quais possíveis atuações da Psicologia frente a essa realidade. Esse trabalho não vislumbrou o esgotamento do tema ou soluções imediatas para essa mudança social, mas quis abrir uma brecha, outro olhar, outra escuta, visando uma contribuição para esse diálogo. E, desta forma, permitir que esses jovens - que mergulham em cenários de guerras locais, com rivais, aliados e incansáveis disputas, expondo seus corpos à prova e aniquilando o seu suposto (e semelhante) inimigo - compreendam que a existência pode ter outros sentidos.

Nessa temática sobre Juventude e Segurança Pública, a produção científica brasileira atualmente se desdobra - como observado em levantamento narrativo - em um estudo massivo sobre o racismo e a violência policial, como apresentado na pesquisa produzida pela Rede de Observatórios da Segurança (RAMOS *et al*, 2021). Além disso, se apresenta como importante o aprofundamento sobre a inter-relação entre violência e masculinidades, visto serem os homens os que mais matam e os que mais morrem, por exposição excessiva aos riscos e aos crimes violentos (ZANELLO, 2020).

Nesse cenário social, novos modos de subjetivação precisam ser possibilitados e novas relações de alteridade produzidas. Reis e Alvim (2021) apontam sobre a produção de uma psicologia clínica, para além do tradicionalismo, que se engaja politicamente na reinvenção de discursos, práticas e espaços. Assim, a clínica gestáltica se torna um lugar de criação e de ressignificação da existência, na busca por produzir afetos, reinventar a si e também reinventar o mundo. Esse compromisso, como apontado por Mônica Alvim (2012), visa “uma psicologia a serviço da restituição da vida” (ALVIM, 2012, p. 1012), em que a abertura ao contato com o outro, possibilita a convivência, o diálogo e a coletividade. Para a legitimação da vida, se torna necessário uma transformação estrutural da sociedade brasileira, na superação do racismo, do punitivismo e da criminalização da pobreza, para a construção de um aumento de oportunidades existenciais e de processos de responsabilização que reduzam a reincidência criminal e o escalonamento da violência. A perspectiva da Gestalt-Terapia sinaliza que as mudanças, bem como a vida e o campo, acontecem em movimento, de agressão, de criação e de reconstrução. Enquanto gestalt-terapeutas, seja possível contribuir nesse caminhar - com constantes e insistentes passos - para uma ampliação da visão de ser humano não apenas em seu sintoma, mas como aquele que carrega histórias, amores e ajustamentos criativos. Assim, salienta-se a importância de se continuar vislumbrando as luzes de quem está à margem e que permaneça o

contínuo compromisso na garantia de uma juventude que tenha o direito a um sonho possível e a não ser impedida de alcançar transformações futuras (CLAUDINO, 2020).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. O que leva um garoto a entrar no tráfico é a necessidade de ser alguém, diz MV Bill. **Ponte Jornalismo**, 04 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://ponte.org/o-que-leva-um-garoto-a-entrar-no-trafico-e-a-necessidade-de-ser-alguem-diz-mv-bill/> . Acesso em 04 de junho de 2022.
- ALVIM, M. B. A clínica como poiética. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2012, p. 1007-1023. ISSN 1808-4281.
- ANDRADE, C. C. A. Autossuporte e heterossuporte. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014, p. 147-162.
- BARONCELLI, L. Adolescência: fenômeno singular e de campo. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 18, n. 2., jul/dez 2012. pp. 188-196.
- BARROS, J. P. P., BENICIO, L. F. S., & BICALHO, P. P. G. (2019). Violências no Brasil: Que problemas e desafios se colocam à Psicologia?. **Psicologia: Ciência e Profissão**, V 39, n.spe 2, pp. 33-44. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225580>
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 21 de setembro de 2022.
- BRITO, M. A. Q. O trauma segundo o enfoque da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Enfrentando crises e fechando gestalten**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2020. 144 p.
- BUENO, S. & LIMA, R. S. (Coord.) **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Ano 16 - 2022, 516 p. ISSN 1983-7364.
- BUTLER, J. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 288 p.
- CARDELLA, B. H. P. **A construção do psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2017.
- CARDELLA, B. H. P. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014, p. 104-130.
- CARDELLA, B. H. P. Suporte. In: D'ACRI, G.; LIMA, P. ORGLER, S. (Orgs.). **Dicionário de Gestalt-Terapia - "Gestaltês"**. 2a. ed. São Paulo: Summus, 2012, p. 206 - 208.
- CARDOSO, C. L. Sobre as dores de existir: uma introdução à psicopatologia em Gestalt-terapia. In: CARDOSO, C. L.; GIOVANETTI, J. P. (Orgs). **Sofrimento Humano e Cuidado Terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2019. 192 p.
- CARVALHO, N. S. & PADOVANI, G. O mundo multiplataforma Kondzilla: inovação no modelo de negócio audiovisual. **ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política**, v. 20, n. 42, out-dez/2020. p. 123-143.

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: IPEA/FBSP, 2021. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2021>

CLAUDINO, M. S. “Ele disse que chegava lá”: O trabalho infantil em atividades ilícitas e a supressão do direito de sonhar a partir da canção *O meu guri*, de Chico Buarque. **FIDES**, Natal, v. 11, n. 1, jan/jun 2020, 15 p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Conheça as 10 razões da Psicologia contra a redução da maioria penal. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/06/10_razoes_da_psicologia.pdf Acesso em: 16 de novembro de 2022.

CORONEL, L. P. A censura ao direito de sonhar em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 44, jul/dez 2014, p. 271-288.

FRANCESETTI, G. **Fundamentos da psicopatologia fenomenológico-gestáltica: uma introdução leve**. Belo Horizonte: Artesã: 2021, 160 p.

FRAZÃO, L. M. & FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014

JANOTTI JR., J & ALBUQUERQUE, G. G. Perspectivas políticas da rede de música pop periférica brasileira e feats internacionais da KondZilla. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 9, n. 2, p. 1-28, dez/2020.

KONDZILLA, Canal. Youtube. 20 de agosto de 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/c/KondZilla/about>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

KONDZILLA. Canal KondZilla atinge a marca de 65 milhões de inscritos. 28 de outubro de 2021. Disponível em: <https://kondzilla.com/canal-kondzilla-atinge-a-marca-de-65-milhoes-de-inscritos/>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

KONDZILLA. KondZilla concorre ao Grammy Latino de melhor videoclipe com “Me Solta”. 24 de setembro de 2019. Disponível em: <https://kondzilla.com/me-solta-e-indicado-ao-grammy-latino-de-melhor-videoclipe/> . Acesso em 12 de setembro de 2022.

LAGRECA, A.; BARROS, B. & SENNES, I. As 820 mil vidas sob a tutela do Estado. In: BUENO, S. & LIMA, R. S. (Coord.) **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Ano 16 - 2022, pp. 396-425.

LEÃO, N. C. “Incríveis Infratores” - Adolescentes Estigmatizados em Encontro com a Gestalt-Terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica** - XIII, n. 1, 51-61, jan-jun 2007.

LEÃO, N. C. & PETRELLI, R. **A Gestalt-terapia na reconstrução da ação ética: “incríveis infratores” na tentativa de ressignificar o estigma**. Junho de 2006. 37 p. Artigo (Especialização Lato-Sensu em Gestalt-terapia) - Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia - ITGT, Goiânia, 2006.

LIMA, P. V. L. Autorregulação orgânica e homeostase. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2014, p. 88-103.

LIMA, P. V. L. A Gestalt-terapia holística, orgânica e ecológica. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013, p. 145-156.

MANSO, B. P. & DIAS, C. N. **A Guerra: A ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil**. São Paulo: Todavia, ed. 1, 2018, 344 p.

MARTE UM. Direção de Gabriel Martins. Belo Horizonte: Filmes de Plástico. 2022. 112 min.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.2, p. 289-300, mai/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/>. Acesso em: 07 de junho de 2022.

MOTTA, J. C. P. **Desafios no trabalho com adolescentes em conflito com a lei: contribuições da Gestalt-terapia**. 2017. 26 p. Monografia (Bacharel em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2017.

NETFLIX, **Sintonia**, 2022. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80217315>

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. Sobre o Observatório de Favelas. Disponível em: <https://observatoriodefavelas.org.br/quem-somos/>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

OPEN SOCIETY FOUNDATIONS. A Open Society Foundations e George Soros. 1 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/newsroom/open-society-foundations-and-george-soros/pt#:~:text=A%20Open%20Society%20Foundations%20%C3%A9%20a%20maior%20fundada%C3%A7%C3%A3o%20privada%20com,em%20Sarajevo%20sob%20o%20cerco.> Acesso em 12 de setembro de 2022.

PEREIRA, C. V. **Contribuições da abordagem gestáltica à psicologia jurídica nas Varas de Família**. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PERLS, F. S. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018, 212p.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PINHEIRO, M. Teoria Paradoxal da Mudança. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014, pp. 180-192.

RAMOS, S. *et al.* **Pele-alvo: a cor da violência policial**. Rede de Observatórios da Segurança. Rio de Janeiro: CESeC, 2021.

REIS, A. V. & ALVIM, M. B. Pequenos exercícios experimentais da liberdade: articulações entre arte, clínica e política. **Revista Subjetividades**, 21 (Especial 1), 2021, p. 1 - 12.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo de contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 8ª ed. São Paulo: Summus, 2019. 208 p.

RODRIGUES, H. E. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2014, p. 114-144.

SAMPAIO, J. V. & MEDRADO, B. Documentos de domínio público na produção de modos de subjetivação. In: MOSCHETA, M. S.; SOUZA, L. V.; RASERA, E. F. (Orgs.) **A dimensão política do pesquisar no cotidiano**. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p. 228-247.

SCHERRER, R. Funk ostentação: consumo e identidade dos jovens da periferia. In: **COMUNICON** (Congresso Internacional Comunicação e Consumo) 2015, São Paulo. Anais. São Paulo: ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing.

SEJUSP (Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública). **Programa Fica Vivo!**. 07 de junho de 2022. Disponível em: <<http://www.seguranca.mg.gov.br/2013-07-09-19-17-59/2020-05-12-22-29-51/programas-e-acoes>> . Acesso em 09 de novembro de 2022.

SILVA, A. K. & HUNING, S. M. Propostas de redução da idade penal no Brasil e o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 22, n. 2, p. 235-246, jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2017000200012&lng=pt&nrm=iso

SILVA, B. F. A., QUEIROZ, B. L.; MARINHO, F. C.; PEREIRA, F. N. A. & CISALPINO, P. Violência urbana e política pública de prevenção: avaliação do Programa Fica Vivo! no estado de Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 35, n. 2, 2018. pp. 1-9.

SENADO FEDERAL. **Sugestão nº 17, de 2017**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/129233>

SOUZA, N. Funk brasileiro é reconhecido como categoria do Grammy Latino. **Notícia Preta**. 20 de julho de 2021. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/funk-brasileiro-e-reconhecido-como-categoria-do-grammy-latino/>. Acesso de 19 de outubro de 2022.

SPINK, P. Análise de Documentos de Domínio Público. In: SPINK, M. J. (Orgs). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013, p. 100-126.

WILLADINO, R.; NASCIMENTO, R. C. & SILVA, J. S. (Coords). **Novas configurações das redes criminosas após a implantação das UPPs**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2008. 177 p.

ZANELLO, V. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, L. (Org.) **Gênero em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020. pp. 79-102.